



## O GÊNERO NO COTIDIANO ESCOLAR: UM OLHAR DOCENTE

Ana Célia Sousa Freitas, Silvia Maria Vieira dos Santos<sup>1</sup>

*Faculdade Latino Americana de Educação – FLATED.*

Email:acmartins366@gmail.com

**RESUMO:** A abordagem das questões de gênero no cotidiano escolar tem gerado polêmicas em vários segmentos da sociedade civil e órgãos responsáveis pelas leis educacionais do nosso país. Os que se manifestam contra essa discussão em sala de aula se dizem a favor da família, da moral e dos bons costumes, e esquecem-se de defender a dignidade e os direitos daqueles que se configuram como “diferentes” para os padrões impostos pela a sociedade machista e preconceituosa em que vivemos. A escola é o local de formação e informação e, portanto, lugar ideal e propício para as discussões que envolvem gênero, homofobia e preconceitos diversos. Ao observar esse lócus (escola) notamos o olhar de descaso, desrespeito e até mesmo de deboche com que professores(as) e gestores(as) se referem aos meninos e meninas que apresentam traços de orientação sexual diferente da heteronormativa. Essa percepção nos causou grande inquietação e desta surgiu a necessidade de pesquisar, para tentar compreender, como os(as) docentes tratam as questões de gênero no cotidiano escolar. Para desenvolvê-lo teoricamente nos utilizamos de autores como Louro (2000; 2003), Joca (2008), Esplendor e Braga (2007), dentre outros. A pesquisa é do tipo qualitativa de cunho exploratório e bibliográfico. Nosso lócus de estudo foi uma escola pública municipal da periferia de Fortaleza, Ceará. Percebemos que o ambiente escolar tanto pode ser local de conhecimento, formação e transformação quanto de propagação de preconceitos e atitudes discriminatórias, dependendo de como os profissionais que o compõem lidam e trabalham com as “diferenças” existentes entre as pessoas.

**Palavras-chave:** Gênero, Professor(a), Cotidiano Escolar.

---

<sup>1</sup> Coautora e orientadora. Profa Dra em Educação Brasileira – Universidade Federal do Ceará



## INTRODUÇÃO

Abordar questões de gênero é um desafio, principalmente, em se tratando do ambiente escolar, pois muitos pensam não ser local apropriado para esse tipo de abordagem, uma vez que as crianças do ensino básico não tem idade e nem maturidade para entender tais questões.

Outros se posicionam contra por entenderem que falar sobre esse assunto em sala de aula pode incentivar condutas homossexuais nos estudantes, além de ferir a moral, os bons costumes e os valores familiares e religiosos impostos pela sociedade, não atentando para a defesa dos direitos de alunas e alunos que diariamente são insultadas (os) e ou constrangidas (as) por apresentarem comportamentos diferentes daqueles tidos como “normal” e estarem “enquadrados” por ser menino ou menina.

O interesse por esta temática surgiu da inquietação de ver na escola situações em que o preconceito é visível e constrangedor contra esses indivíduos que não se “encontram” nos padrões sexistas de uma sociedade que ainda não se libertou da herança machista e preconceituosa herdada de tempos anteriores e que se propaga até os dias atuais.

Diante deste cenário observado, buscamos entender como professores(as)

tratam a temática de gênero no cotidiano escolar.

Percebemos que as questões de gênero na escola tem sido motivo de debates e muita agitação nos espaços no qual as decisões sobre educação de nosso país são tomadas. Entidades e órgãos responsáveis pelas leis educacionais têm promovido momentos de diálogo sobre a temática nos espaços estudantis, a fim de decidir que caminhos devem ser trilhados em relação a mesma.

Exemplo da polêmica em torno desse assunto são as sessões e plenárias que ocorrem nas câmaras de vereadores e assembleias legislativas pelo Brasil, no qual vereadores, deputados e grupos, contra e ou a favor dessa abordagem em sala de aula, travam grandes batalhas para defenderem seus pontos de vista, e até mesmo tirar das pautas de votação, itens relacionadas às questões de gênero na escola.

Uma amostra desse tipo de confronto aconteceu na câmara de vereadores de Porto Alegre, em 25 de junho de 2015, na qual, em meio a protestos de grupos que defendem o diálogo sobre as questões de gênero no cotidiano escolar, alguns itens sobre o tema foram retirados do Plano Municipal de Educação (PME) daquela localidade, causando alívio para uns e protestos e revoltas para outros.



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Para efetuarmos esse estudo, optamos pela pesquisa qualitativa de caráter exploratório e bibliográfico, já que a mesma nos dá possibilidade de interpretar os fenômenos relacionados a pesquisa de forma mais eficaz. As bibliografias nos auxiliaram a entender as informações empíricas relacionando-as com os dados teóricos que dariam embasamento ao nosso trabalho.

No tocante ao tipo de pesquisa, recorremos a Bauer e Gaskell (2002) que afirmam como a pesquisa qualitativa envolve a interação pesquisador-participante, a qual lida com interpretações das realidades sociais, buscando explorar espectros de opiniões em um grupo social específico.

Nossos principais instrumentos de pesquisa foram a observação e o diário de campo, os mesmos nos auxiliaram nos registros e na captação de dados e informações acerca de nosso alvo de pesquisa.

Nosso locus de trabalho foi uma escola Municipal da periferia de Fortaleza, situada numa comunidade entendida como de “risco” por seu histórico de violência e contexto de carências socioeconômicas e culturais.

Os olhares foram direcionados para as series iniciais (1º ao 5º anos) do ensino fundamental I. Nesse espaço nos utilizamos da observação, principalmente, no movimento e na fala de professores(as) em relação aos

garotos e garotas “diferentes”, e isto foi o que mais nos impactou nesta pesquisa, pois é preocupante o que se ouve durante as conversas nos horários de intervalo dos mesmos.

As observações foram realizadas nos turnos manhã e tarde, tendo como primeiro alvo a sala dos professores(as), local este em que se ouve quase tudo o que os docentes pensam sobre alunos/alunas, seus hábitos e costumes, e foi nesse local, principalmente, que pudemos ouvir falas que exprimem o preconceito e a opinião de docentes sobre as questões de gênero.

O segundo local para o qual direcionamos nossa atenção foram as salas de aula do 4º e 5º anos. Nesse espaço presenciamos alguns conflitos acirrados, e até confronto consumado, no qual precisamos intervir no sentido de separar os garotos que se degladiavam em pleno momento da aula, justamente por questões de “discriminação”.

Por último, observamos o momento do intervalo, (que acontece, na área da Educação Infantil, onde há um espaço para as brincadeiras das crianças e o “parquinho”), um ambiente bem mais leve, pois nossa observação estava voltada para as turmas de 1º e 2ª anos, atmosfera mais calma mas nem por isso menos propícia para as manifestações de preconceito e intolerância.



## Observações e fala docente

Observamos durante nosso estudo discursos preconceituosos por parte dos docentes, com frases do tipo: “- o menino já nasce ruim e veado pior”; “ - a pessoa já é metida quando se torna veado e quando já nasce um?”; “ A fulana só quer ser homem, parece que não tem mãe”, “ - a mãe ainda deixa a menina vestir roupas masculinas e cortar o cabelo como macho, só pode ser uma irresponsável”. Essas são falas ouvidas diariamente e que muitas vezes transformam-se em debates sobre como a família permite tais atitudes nos filhos, pois acreditam que os alunos têm tal comportamento por culpa dos pais.

Desse modo não nos causou admiração quando lançamos nosso olhar para a sala de aula e percebemos o preconceito representado nas brincadeiras homofóbicas de colegas contra os meninos e meninas que demonstram outra orientação sexual que não a normatizada. Nesse sentido dialogamos com Louro (1997, p. 229 ) ao dizer que:

As instituições escolares fabricam os sujeitos que a frequentam, ou seja, elas são produzidas por eles e pelas representações de gênero que nelas circulam. Assim, nestas instituições pode haver a produção de diferenças e desigualdades destes indivíduos, e também informação, do

que cada um/a pode ou não fazer e o lugar que os meninos e meninas devem ocupar.

Nessa perspectiva, compreendemos que a escola tem uma grande responsabilidade quanto a não propagação de atitudes preconceituosas e/ou homofóbicas, tornando-se um canal para a formação de uma sociedade mais tolerante, dependendo de como seu corpo docente trabalha no cotidiano escolar as questões que envolvem a temática de gênero e sexualidade.

Assim, entendemos que as instituições de ensino devem, sim, ser lugar para esse tipo de abordagem, educando os sujeitos que nelas circulam para o respeito, discutindo além do tema diversidade sexual, todo e qualquer tipo de “diferença” detectada em seus espaços e que esse respeito e tolerância se perpetuem para além dos muros desses ambientes educacionais.

Essas instituições educacionais podem ter grande influência na formação da personalidade de seus educandos, o que para Louro (1997, p. 61) acontece por que:

Ali se aprende olhar e se olhar, se aprende a dividir, falar e calar; se aprende a proferir. Todos os sentidos são treinados fazendo com que cada um e cada uma conheça os sons, os cheiros e os sabores ‘bons’ e decentes; aprende o que, a quem e como tocar (ou na maior parte das vezes, não



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

tocar); fazendo com que se tenha algumas habilidades e outras não.

Ainda analisando a fala docente, compreendemos que se faz necessária também uma formação para professores(as) voltada para o trabalho com as questões de gênero na sala de aula, pois muitos desses discursos são reproduções de ideias, crenças e valores morais que os mesmos já trazem consigo ao longo da vida, fruto da educação tradicional, patriarcal e machista que receberam e que torna tais questões ainda mais complicadas de se discutir no cotidiano escolar.

Ao direcionarmos nossas observações para a sala de aula, ficamos ainda mais surpresos, por ser notório o desinteresse por parte dos educadores em trabalhar as questões de gênero mesmo diante de conflitos frequentes entre colegas de sala, decorrentes das “brincadeiras” e insultos a que são submetidos os discentes considerados “afeminados”.

Presenciamos um desses conflitos e o que ouvimos da professora logo após conseguirmos acalmar o ambiente, foi uma justificativa para as atitudes preconceituosas dos que insultavam o colega por apresentar características consideradas do universo feminino. Segundo ela. “–Esse menino não se comporta como deve, por isso os outros implicam tanto com ele. Se ele andasse e

falasse direito não havia esse problema na sala”.

A docente utilizou-se dessa fala perante todos os alunos, exibindo, dessa forma, sua maneira de pensar sobre o comportamento do aluno insultado. Este sofreu punição maior por parte da direção e, para não causar mais transtornos naquela ambiente, o mesmo foi obrigado a mudar de turma.

A atitude da professora demonstra o despreparo docente para dialogar, em seu cotidiano, sobre esse tipo de tema. É válido informar que este despreparo não é uma exclusividade dos educadores da escola. É quase uma unanimidade no quadro docente das instituições públicas de ensino de nosso país.

Sobre as dificuldades de professores(as) em trabalhar questões referentes a gênero e diversidade sexual em suas práticas diárias, Joca (2009, p. 88) nos fala que:

Quando nos reportamos ao saberes sobre o sexual, por exemplo, ao saberes hegemônicos propagados sobre as relações de gênero e orientações sexuais saberes e práticas, adquiridos nos espaços de formação e atuação docentes, parecem entrar em conflito com a perspectiva do enfrentamento aos sexismos e a homofobia nos espaços escolares.



Desse modo entendemos que a escola é um local que faz parte de um espaço mais amplo, a sociedade, e que mesmo sendo menor, é detentor de formação e informação, tendo por obrigação construir valores e condutas advindas dos outros ambientes que compõem essa sociedade como, a família, a religião e o Estado.

Esta obrigação de construir valores e condutas influencia o trabalho docente de forma efetiva de modo que este precisa seguir as regras e normas determinadas pelos órgãos responsáveis pelo processo educativo do nosso país, seguindo à risca os documentos que regem essas determinações. Porém, já se sabe que de forma bem gradativa os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) avançam quanto à abordagem dessa temática nos espaços educacionais, ainda que de forma tímida e seletiva. De acordo com o documento:

Da quinta série em diante, os alunos já apresentam condições de canalizar suas dúvidas ou questões sobre sexualidade para um momento especialmente reservado para tal, com um professor disponível. Isso porque, a partir da puberdade, os alunos também já trazem questões mais polêmicas sobre a sexualidade e já apresentam necessidade e melhores condições para refletir sobre temáticas como aborto, virgindade,

homossexualidade, pornografia, prostituição e outras. (BRASIL,1998, p. 87)

É notório que os PCNs configuram um grande avanço no que tange as leis educacionais no Brasil, no entanto o gênero e a sexualidade ainda são considerados temáticas marginais ou quando abordados são reduzidos ao corpo humano, conteúdo exclusivo das disciplinas de ciências e biologia no cotidiano das escolas.

**O Recreio** (brincadeiras de menino e de menina)

Estendemos nosso olhar também para a hora do intervalo (recreio) que tem duração de 20 minutos e acontecem em locais separados de acordo com a séries. As turmas da educação infantil e 1º e 2º anos do ensino fundamental I ficam no parquinho sob a responsabilidade das monitoras do programa Mais Educação e, de vez em quando, coordenadoras e gestora também observam, na tentativa de evitar incidentes e até mesmo acidentes graves com os menores durante este momento.

O alvo de nossas observações foram os alunos de 1º e 2º anos dos dois turnos pois são turmas já bem mais agitadas e que não querem divertir-se somente no parquinho,



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

criando outras brincadeiras mais “polêmicas” para os olhares dos responsáveis. A diversão dessa turminha é brincar de polícia e ladrão, os homens pegar as mulheres e brincar de casinha. As duas últimas brincadeiras citadas são a razão de maior preocupação para as monitoras. Uma, em especial, faz questão de manifestar toda sua desaprovação repreendendo e chamando a atenção das meninas que brincam com os meninos no pega-pega, o que acontece, por vezes, de forma constrangedora através de falas como: “você não é macho”; “isso é coisa de menino”; “te orienta criatura”.

Em relação a brincadeira de casinha o conflito acontece por conta de dois garotos, do turno da tarde, que se reúnem para brincar com as meninas. O grupinho traz de casa seus brinquedos e bonecas e organizam suas casinhas, num cantinho do pátio sob o olhar reprovador dos que passam por ali. As crianças não se incomodam com as piadinhas de outros colegas, mas inquietam gestores e docentes que, por vezes, dão um jeito de acabar com a diversão. Além disso, proferem comentários absurdos em relação a conduta das crianças, reforçando a cultura machista de que “menino não pode brincar de boneca” e que certas brincadeiras ou tarefas são só para meninas.

Para Louro (2003, p.58) “A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e

códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o “lugar” dos pequenos e grandes, dos meninos e das meninas”.

Nessa perspectiva compreendemos que a escola tanto pode ser aliada no combate as atitudes de preconceitos e de homofobia, quanto pode colaborar para a propagação desses comportamentos entre os indivíduos que circulam nos espaços educacionais. Ela precisa orientar melhor seus profissionais, pois vimos que muitos educadores não sabem lidar com esse tipo de situação e acabam constrangendo alunos ao repreendê-los de forma inadequada e desnecessária.

Para contornar a situação, os profissionais da educação poderiam se apoiar nas brincadeiras dos pequenos e dialogar com os mesmos sobre questões como machismo, a intolerância e a violência, indagações estas que, segundo nosso entendimento, devem ser cada vez mais abordadas no cotidiano escolar.

Assim, ao observar os garotos brincando de casinha poderíamos ressaltar aspectos da sociedade atual, na qual cada vez mais mulheres e homens se dividem nos cuidados com a família e afazeres do lar e não só ficarmos preocupados no fato daquela brincadeira incentivar ou não a homossexualidade dos garotos que dela participam.



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Assim o debate precisa se disseminar nos ambientes acadêmicos e educacionais, para que a inclusão da temática “gênero” seja efetivada, de fato, nos currículos escolares. Dessa forma, professores/as das diferentes disciplinas poderão lidar com o tema e com situações do cotidiano relacionadas a ele. Com esse procedimento estaremos contribuindo para que a escola não seja um instrumento de preconceitos, mas de promoção e valorização das diversidades que enriquecem a sociedade brasileira. Por isso a escola se configura como o caminho mais consistente e promissor para um mundo sem intolerância, mais plural e democrático. (ESPLENDOR E BRAGA, 2009, p.03)

Acreditamos que formando melhor os educadores para trabalhar diariamente as questões que envolvem gênero é possível fazer da escola um ambiente que conduz seus atores por um caminho que respeite e combata toda forma de preconceito contra indivíduos que tem uma orientação sexual diferenciada.

Para, além disso, educadores esclarecidos terão mais respeito para com seus alunos e incentivarão os mesmos à atitudes que promovam o respeito, independente do gênero, da orientação sexual, da cor, e do credo. “O conhecimento será válido na medida em que vislumbre a superação do pensamento subalterno e das intolerâncias e

das desigualdades sociais, culturais, de gênero, de sexo, raça e das mazelas sociais decorrentes.” (JOCA, 2009, p. 46)

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho nos possibilitou conhecer melhor a temática sobre gênero, além de nos trazer a compreensão de que não dá para negligenciar um tema tão polêmico, mas de necessária abordagem no ambiente escolar.

Não se pode fechar os olhos diante do preconceito como fazem alguns professores(as) que circulam na instituição escolar em que foi realizada a pesquisa. Não dá mais para fingir que não ocorre esse tipo de “problema” na escola. Não devemos ignorar o silêncio de alguns e o grito de outros que tentam se sobrepor ao que lhes é imposto, rebelando-se contra os deboches e insultos os quais são obrigados a enfrentar diariamente, principalmente os alunos do 4º e 5º anos, que estão na puberdade e entrando na adolescência que já manifestam atitudes homofóbicas e preconceituosas ou sofrem com elas.

Desse modo, entendemos ainda que a escola precisa ser palco de diálogos voltados para as questões que promovam um entendimento sobre a diversidade, principalmente as referentes as problemática de gênero e sexualidade. É interessante

[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

(83) 3322.3222

[contato@generoesexualidade.com.br](mailto:contato@generoesexualidade.com.br)





## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

ressaltar que alguns passos já vem sendo dados nesse sentido e que nos abrem caminhos de esperanças de que podemos trabalhar tais questões para que se eduque os indivíduos para que estes não continuem propagando ideias machistas, preconceituosas e, por vezes, violentas manifestações homofóbicas.

Assim, concluímos nosso dialogo sobre as questões de gênero, ressaltando que a escola precisa estar atenta para estas questões.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Terceiro e quarto ciclo: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

ESPLENDOR, Elizabeth Vieira dos Santos;  
BRAGA, Eliane Rose Maio. Condutas pedagógicas sobre as questões de gênero na escola. In: Anais do SIES – **Simpósio Internacional de Educação Sexual da UEM**, 2009. Disponível em: [HTTP://www.sies.uem.br/trabalhos/2009/109.pdf](http://www.sies.uem.br/trabalhos/2009/109.pdf). Acesso em: 10 set. 2015.

JOCA, Alexandre Martins. **Deus é menino e menina**: Respeitar a diversidades e combater as desigualdades. Fortaleza: Editora Expressão Gráfica e Editora, 2009.

\_\_\_\_\_. **Diversidade sexual**: Um problema posto a mesa. Fortaleza: Dissertação. (Mestrado em Educação). – Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectivas educacionais. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **O corpo educado**. Pedagogia da diversidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petropolis: Vozes, 2002.

SILVA, Carolina Scolfaro Caetano da. **A construção dos estereótipos de gênero e a educação física**. 2003. 32f. Monografia (Graduação em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.